

39º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS;

GT 26 – O PENSAMENTO SOCIAL LATINO-AMERICANO: LEGADOS E  
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Título: FLORESTAN FERNANDES, GINO GERMANI E O TEMA DA  
IMIGRAÇÃO: O PENSAMENTO SOCIAL LATINO-AMERICANO EM  
PERSPECTIVA COMPARADA

Autor: Márcio de Oliveira (UFPR/Brasil)

## FLORESTAN FERNANDES, GINO GERMANI E O TEMA DA IMIGRAÇÃO: O PENSAMENTO SOCIAL LATINO-AMERICANO EM PERSPECTIVA COMPARADA<sup>1</sup>

[TEXTO EM CONTRUÇÃO, FAVOR NÃO CITAR]

### INTRODUÇÃO

Nos últimos 15 anos, análises comparativas entre Brasil e Argentina vieram a público em diversas áreas. Da economia às artes passando por análises sobre o Estado, a cultura política e a primeira guerra, pode-se citar de forma não exaustiva, Neiburg (2004) Oliveira (2005), Devoto & Fausto (2008), Drumond (2009), Kerber (2009), Capistrano & Castro (2010), Bonelli & Landa (2013), Compagnon (2013) e Perissinotto (2014).

No campo do pensamento social, vários estudos tem procurado estabelecer paralelos específicos entre autores e tradições latino-americanas, tanto em análises comparativas quanto em estudos de caso (Neiburg, 1997; Baugmarten & Santos, 2005; Garréton, 2005; Reyna, 2005; Trindade, 2006; Murmis, 2006; De Sierra & Trindade, 2007; Blanco, 2003, 2006, 2007 e 2011; Rosa, 2014; Blanco & Jackson, 2014; Miceli & Pontes, 2014). A trajetória e papel exitoso dos dois mais importantes sociólogos no Brasil e na Argentina - Florestan Fernandes (1920-1995) e Gino Germani (1911-1979)<sup>2</sup> - no processo de institucionalização acadêmica e universitária da sociologia foi igualmente objeto de análise comparativa (“espelhada”) em Blanco & Jackson (2014; 2014a). Pensando, porém, a obra e trajetória desses autores, é notável que a questão imigrante, um dos fenômenos históricos mais decisivos em Brasil e Argentina, não tenha sido ainda objeto de análise comparativa específica, seja em relação aos objetos escolhidos e aportes teórico-metodológicos utilizados, seja ainda procurando entender as razões de análises mutuamente não

---

<sup>1</sup> Minhas primeiras reflexões sobre o tema datam de 2011, período em que estive ministrando a disciplina *Socio-histoire de l'immigration en Amérique Latine XIX-XXe siècles* como professor convidado no Institut des Hautes Etudes en Amérique Latine (IHEAL/Université de Paris III).

<sup>2</sup> A análise estendeu-se ao (e valeu-se do) campo da crítica literária em ambos países, em particular através do estudo do papel e obras de Antônio Cândido (Brasil) e Adolfo Prieto (Argentina).

referenciadas<sup>3</sup>. Como detalhamos mais tarde, o tema da imigração está lateralmente presente em Florestan<sup>4</sup> e de forma central em Germani. Até hoje, contudo, apenas Brasil Jr. (2010), como produto intermediário de tese de maior fôlego<sup>5</sup>, comparou suas análises sem, contudo, questionar a evidente assimetria nem o sentido que o tema da imigração tem nas respectivas obras. Nesse sentido, as perguntas que nos propomos responder aqui são: Que trabalhos específicos Florestan e Germani dedicaram ao tema da imigração e/ou da assimilação dos imigrantes? Qual o lugar que esses trabalhos ocupam em suas obras, que referenciais teórico-metodológicos utilizaram e, finalmente, qual impacto pode ser auferido de suas análises para as sociologias nacionais em Brasil e Argentina ou, de forma mais geral, para a sociologia latino-americana?

No intuito de responder a essas questões, revisitamos não exaustivamente a história da imigração em ambos os países entre 1870 e 1945. Em seguida, mapeamos as obras em que os autores tratam do tema, analisando referenciais, métodos e resultados. Ao final do trabalho, indicamos as possíveis contribuições de ambos para a sociologia da imigração latino-americana.

### **BREVE RELATO SOBRE O FENÔMENO DA IMIGRAÇÃO NA ARGENTINA E NO BRASIL**

A Argentina é conhecida como o caso mais emblemático da imigração europeia. Devoto (2004) afirma que estamos diante de um fenômeno tão vasto quanto interessante. É de fato tão crucial que separa radicalmente a Argentina dita “criolla”, aquela do período anterior à imigração no interior do qual o herói Martim Fierro fez o teatro de suas aventuras, da Argentina moderna e industrial pós-imigração europeia.

---

<sup>3</sup> Como vamos demonstrar em outro estudo, a raiz disso liga-se em parte à história do subcampo da sociologia da imigração na América Latina, em particular nas sociologias brasileira e argentina.

<sup>4</sup> Com efeito, o tema da imigração não aparece nem no volume da Coleção Ática, organizado por Ianni e Florestan, nem no número 1/2 (ano 4, 1997) da revista *Ideias*, nem mesmo nas coletâneas organizadas por Bastos (1998) ou Arruda e Garcia (2003).

<sup>5</sup> Com efeito, conforme afirma o próprio autor, “Este artigo é parte de uma pesquisa mais ampla, em andamento, sobre a “aclimatação” da “sociologia da modernização” na América Latina”. (Brasil Jr., 2010: 1, nota de rodapé). Foi também publicado em forma de capítulo de livro em Brasil Jr. (2013).

Em termos demográficos, entre 1881 e 1914, 4,2 milhões de europeus desembarcaram pelo porto de Buenos Aires, sendo aproximadamente 2 milhões de italianos, 1,4 milhões de espanhóis, 170 mil franceses e 160 mil russos e 400 mil de outras nacionalidades, para uma população que, nesse último ano, era de aproximadamente 8 milhões de habitantes (DEVOTO, 2004: 247-249). Este volume de imigrantes constitui-se no contingente humano mais importante, em termos proporcionais, dentre todos os países americanos. Com efeito, mesmo que o número total de imigrantes na Argentina – 6,5 milhões – seja bem inferior ao número de imigrantes que foram para os EUA – aproximadamente 21 milhões - o impacto foi bem superior: o percentual de imigrantes que era 15% sobre a população total em 1890, alcançou perto de 30% em 1914, sendo que na cidade de Buenos Aires, nesse mesmo ano, 49% da população era estrangeira.

As raízes desse fenômeno remontam ao século XIX. Em 1853, a Argentina aprova sua Constituição de caráter republicano, tendo por inspiração a obra do intelectual e político Juan Bautista Alberdi (1810-1884), *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*. Nessa nova Constituição, em seu artigo 5º, está firmado que o governo federal deve promover a “imigração estrangeira”. Durante os anos de 1862 e 1868, durante a gestão do Presidente Bartolomeo Mitre, propõe-se que o imigrante transforme a realidade, sem, contudo criar um “novo país”, lançando o debate em torno do papel da imigração na formação da nova nação.

As diversas formas de organização social dos imigrantes continuaram a ser aceitas ao longo das primeiras décadas, em parte devido ao número proporcional enorme que essas populações ocupavam em relação à população argentina total. O sentido de um país aberto à imigração também permaneceu intocado durante os anos da imigração massiva, e mesmo durante a campanha informal da “argentinização” orquestrada por intelectuais, como José Luís Borges, com ressalvas para o período em que Juan Péron ascende ao poder.

O impacto da imigração no Brasil não foi tão importante quanto na Argentina, mas nem por isso deve ser menosprezado. No primeiro período, entre 1822 e 1876, o Brasil recebeu 350.117 imigrantes, grande parte deles instalando-se nos três estados da região sul do país. O segundo período, que coincide com o grande fenômeno das migrações internacionais, precisamente

entre 1877 e 1914, o volume de imigrantes aumenta quase dez vezes. Ao total, o país recebeu 3.013.841, imigrantes, em torno de um milhão a menos do que recebera a Argentina no mesmo período, muito embora a população brasileira fosse de pouco 30 milhões em 1920, contra aproximadamente 8 milhões na Argentina. Dentre os grupos de imigrantes mais expressivos, temos os italianos (1,5 milhões), portugueses (1,2 milhões), espanhóis (600 mil), alemães (160 mil), japoneses (150 mil), poloneses (100 mil), sírio-libaneses (90 mil), dentre os grupos mais importantes.

No Brasil, o modelo de atração de imigrantes esteve presente durante todo o período da imigração, ou seja, de 1822 a 1939, com forte concentração para as últimas décadas do século XIX, embora não possa ser considerado como o fator mais decisivo na imigração. Com efeito, quando se observa as ações de incentivo à vinda de imigrantes para o Brasil – organizadas seja pelo governo central, seja pelos estados, a chamada *imigração subvencionada* - percebe-se que elas tiveram efeitos diversos socialmente, em relação aos grupos de imigrantes, e geograficamente. Em relação aos italianos, por exemplo, as ações organizadas pelas elites paulistas tiveram forte impacto na vinda de parte desses imigrantes. Ações governamentais explicam o ingresso de imigrantes japoneses no Brasil, mesmo contra interesses de parte da elite política republicana (SAITO, 1961; HANDA, 1987).

Em sentido inverso, imigrantes alemães, poloneses, russos e ucranianos, cuja imensa maioria se dirigiu aos estados do sul do país, é o exemplo típico da *imigração espontânea*. A imigração não foi um fenômeno que se espalhou por todo o país. Os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul abrigavam 34,44% de todos os estrangeiros que residiam no país em 1890, passaram a 58,41% em 1900 e alcançaram 70,13% em 1920. Da mesma forma, apenas o estado de São Paulo abrigava 41,37% de todos os estrangeiros que residiam no Brasil em 1900 e passou a 52,42% em 1920 (Quadro 1).

QUADRO I - POPULAÇÃO ESTRANGEIRA NO BRASIL MERIDIONAL<sup>6</sup>, 1872-1920

Ano	1872	1890	1900	1920
Estado				
São Paulo				
Pop estrangeira	29.622	75.030	529.187	<b>833.709</b>
Pop total	837.354	1.384.753	2.282.279	<b>4.592.188</b>
Pop estra/Pop tot (%)	3,53	5,41	<b>23,18</b>	<b>18,15</b>
Pop estra SP /Pop estr Br (%)	7,63	21,34	41,37	<b>52,42</b>
Paraná				
Pop estrangeira	3.627	5.153	45.134	<b>63.110</b>
Pop total	127.322	249.491	327.136	<b>685.711</b>
Pop estra/Pop total (%)	2,84	2,06	<b>13,79</b>	<b>9,20</b>
Pop estra Pr/ Pop estra Br(%)	0,93	1,46	3,52	<b>3,97</b>
Santa Catarina				
Pop estrangeira	15.974	6.198	32.146	<b>32.138</b>
Pop total	159.802	283.769	320.289	<b>668.743</b>
Pop estra/Pop total (%)	9,99	2,18	<b>10,03</b>	<b>4,80</b>
Pop estra SC/ Pop estra Br(%)	4,11	1,76	2,51	<b>2,02</b>
Rio Grande do Sul				
Pop estrangeira	41.725	34.765	140.854	<b>154.623</b>
Pop total	446.962	897.455	1.149.070	<b>2.182.713</b>
Pop estra/Pop total (%)	9,33	3,87	<b>12,25</b>	<b>7,08</b>
Pop estra RS/ Pop estra Br(%)	10,74	9,88	11,01	<b>9,72</b>
Pop estrangeira BM	90.948	121.146	747.321	<b>1.083.580</b>
Pop estra BM/Pop estr Bra (%)	<b>23,41</b>	<b>34,44</b>	<b>58,41</b>	<b>70,13</b>
Brasil (pop total)	<b>10.112.061</b>	<b>14.333.915</b>	<b>17.318.556</b>	<b>30.635.605</b>
Pop estrangeira total	<b>388.459</b>	<b>351.545</b>	<b>1.279.063</b>	<b>1.590.378</b>
Pop estra Bra /	<b>3,84</b>	<b>2,45</b>	<b>7,38</b>	<b>5,19</b>
Pop total Bra (%)				

FONTE : IBGE (Adaptado pelo autor).

A proporção de estrangeiros<sup>7</sup> na população total dos quatro estados da região até os anos 1960 conhecida como *Brasil Meridional*<sup>8</sup> é bastante superior à média nacional e girou em torno de 13% da população de cada um dos três estados (Pr, SC, e RS) e quase ¼ (23,18%) da população de São Paulo, enquanto que tomado o país como um todo, a proporção de estrangeiros era de apenas 7,38%. Com efeito, a maior parte dos estrangeiros que residia no

<sup>6</sup> Em 1913, o Brasil era dividido em cinco grandes 'Brasis', a saber: Brasil setentrional, Brasil norte-oriental, Brasil central, Brasil oriental e Brasil meridional. Os estados de SP, Pr, SC e RS faziam parte do 'Brasil Meridional'. Essa divisão foi mantida até 1945, quando o Brasil passou a ter 7 regiões: Norte, Nordeste Oriental, Nordeste Ocidental, Centro-Oeste, Leste Setentrional, Leste Meridional e Sul, com São Paulo ainda junto dos outros três estados nessa última região sul, o que manteve a imagem de semelhança histórico-cultural. Finalmente, a partir de 1970, a divisão foi reduzida para 5 regiões: Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul. Apesar do desmembramento de dois estados e transformações de antigos territórios em novos estados, essa divisão permanece até os dias de hoje.

<sup>7</sup> Lembremos ainda que por força da legislação brasileira, desde o início da República, os estrangeiros que não declarassem o interesse em guardar sua nacionalidade de origem, seriam automaticamente naturalizados, o que faz pensar que o impacto da imigração nesses estados foi bastante superior, hipótese que está na base desse estudo.

<sup>8</sup> Para efeitos analíticos, resgatamos aqui a antiga divisão político-administrativa do Brasil, terminologia também empregada nos estudos acadêmicos até os anos 1960.

Brasil havia se fixado no Brasil Meridional: em 1900, correspondia a 58,41% e em 1920 eram 70,13% do total. Se levarmos em consideração o número de descendentes de estrangeiros nascidos no Brasil e, por força da legislação, naturalizados brasileiros, percebe-se que o impacto cultural, social e econômico da imigração foi ainda muito maior<sup>9</sup>. Enfim, saliente-se que, em termos territoriais, o Brasil Meridional ocupa aproximadamente 800.000 km<sup>2</sup>, ou seja, pouco menos que 10% do território brasileiro, o que implica não só em maior densidade demográfica, mas sobretudo em maior intensidade nos processos de interação, disputas e conflitos entre os próprios imigrantes, e entre os nacionais e cada um dos grupos de imigrantes e seus descendentes.

### **POLÍTICA DE IMIGRAÇÃO NO BRASIL E NA ARGENTINA**

A política de imigração brasileira teve por princípio a noção de “portas abertas”, ancorada na ideia geral de povoar o território com agricultores a fim de garantir a posse efetiva do território e, ao mesmo tempo, produzir gêneros alimentícios de primeira necessidade. Dentro desse grande quadro, aqui e ali iniciativas estaduais tentaram atrair imigrantes para suas próprias regiões, sem lograr, contudo, grande sucesso em termos de volume de entradas. Não obstante os anos que precederam a República viram surgir novas iniciativas, sobretudo locais, como a “Sociedade Promotora da Imigração” (1886-1895), criada em São Paulo, responsável pela vinda de milhares de italianos para a cafeicultura paulista (Alvim, 2010).

A proclamação da República trouxe mudanças na política de imigração. Logo no primeiro mês, o governo provisório da República, no artigo primeiro do Decreto 58-A (14/12/1889), estabeleceu que todos os estrangeiros residindo no país no dia 15/11 tornavam-se brasileiros de direito a menos que manifestassem desejo contrário nos seis meses após a promulgação do referido decreto. Esse decreto foi o primeiro de uma série de iniciativas legais visando a naturalização dos estrangeiros imigrantes, o que lentamente diferenciaria as legislações de Brasil e Argentina.

---

<sup>9</sup> Em estudo específico para a cidade de Curitiba na virada do século XX, Bideau e Nadalin (1988) demonstraram que as famílias alemãs apresentavam taxa de fecundidade bem superior às famílias brasileiras.

Em 1907, o Congresso Nacional aprova a primeira lei fixando as normas de residência no país, regulando ainda as condições que permitem a expulsão dos estrangeiros. Trata-se da famosa Lei Adolpho Gordo (Lei nº 1.641), conhecida também como Lei de expulsão. Ainda no mesmo ano, o Estado brasileiro inova mais uma vez criando o “Serviço de Povoamento do Solo Nacional” (Decreto nº 6.455). O Decreto nº 6.479, publicado logo em seguida, cria o “Departamento Geral do Serviço de Povoamento”. Em 1918, a denominação do “Serviço” foi modificada (Decreto nº 3.550), passando a “Departamento Nacional do Trabalho”. Pelo mesmo ato, o setor de imigração do porto do Rio de Janeiro e a direção da Hospedaria na Ilha das Flores são suprimidos, passando ao controle do referido “Departamento”.

Nos anos 1920, dois novos projetos restringindo e selecionando imigrantes seriam apresentados à Câmara dos Deputados. Nos anos 1930 que a legislação brasileira ganhou novos contornos, primeiro com a Lei de Cotas (134). O Decreto-Lei nº 383 (18/04/1938), proibindo toda atividade política exercida por associações civis e os decretos (nº 393 e nº 406), administrando e controlando a entrada e a expulsão dos estrangeiros, e, finalmente, o Decreto-Lei nº 406, de 4 de maio de 1938, completam a legislação estado-novista, criando o “Conselho de Imigração e Colonização”, que proíbe que colônias fossem ocupadas exclusivamente por imigrantes de um mesmo país.

O aparato legal argentino foi mais brando e menos efetivo. Inicialmente, a nacionalização da língua e a naturalização automática dos estrangeiros não foram logradas. Por outro lado, a política de atração foi pouco utilizada, com exceção de pequeno período nos anos 1890 quando, através subsídios, o governo argentino se opôs à política brasileira de igual teor. Com efeito, os diversos governos argentinos afirmando que qualquer política de atração subsidiada faria afluir ao país os “piores” imigrantes. Contudo, nos anos 1900, diversas medidas tentaram atrair mais imigrantes espanhóis como forma de combater o dito excesso de imigrantes italianos e suas práticas sociais alheias à sociedade nacional, além de outras que visaram a nacionalização dos estrangeiros. Logo em 1901, houve a discussão parlamentar sobre a lei do serviço militar obrigatório, cujo objetivo era “fundir todas as raças” e assim, criar o “povo argentino”. Em 1908, o *Consejo Nacional de Educación* lança uma campanha de “educação patriótica”, combinada com medidas contra as escolas



étnicas, até que em 1917 estas últimas são obrigadas a ter, ao menos, um professor argentino para continuarem funcionando. Nesse mesmo registro, buscou-se a inserção das ordens religiosas que atendiam somente os descendentes de imigrantes.

### **O TEMA DA IMIGRAÇÃO: ASSIMETRIAS ENTRE GINO GERMANI E FLORESTAN FERNANDES**

A obra de Florestan tem sido objeto de inúmeras análises hoje clássicas, tais como Incao (1987), Soares (1997), Bastos (1998), Garcia (2002), Arruda & Garcia (2003), além de inúmeros artigos e apresentações em congressos. De maneira geral, essas análises têm privilegiado o desenvolvimento e institucionalização de uma sociologia moderna e científica no interior das universidades, focando ainda no papel do autor na profissionalização da atividade sociológica no contexto brasileiro. A obra de Germani<sup>10</sup> tem merecido igual destaque. (Vitiello, 1992; Blanco, 2003, 2006; Mera & Rébron, 2010). Nesses trabalhos, cuja revisão aprofundada ultrapassa nosso escopo aqui, nota-se o espaço limitado dedicado às análises comparativas entre autores, tendo por objeto o tema mais geral das migrações, e da imigração na América Latina, em particular.

A assimetria do tema das migrações internacionais nas obras de Florestan e Germani, como mostraremos, encontra certo paralelo no desnível de análises históricas, sociológicas e antropológicas sobre o tema da imigração nos dois gigantes da América do Sul. Enquanto na Argentina há uma grande referência histórica sobre o tema (Devoto, 2003), no Brasil, até os dias de hoje, não há um único livro completo sobre imigração, mas apenas referências incompletas e datadas tais como Carneiro (1950), Cortes (1954), Basto (1959) ou Diegues (1964)<sup>11</sup>. Apenas no tocante às publicações, há assimetria é

---

<sup>10</sup> Nascido em Roma, emigrou para a Argentina em 1934, fugindo Mussolini. Faleceu igualmente em Roma em 1970. Foi diretor da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, quando da criação do Departamento e da carreira de Sociologia naquela universidade; já no campo da edição, trabalhou de recepção local de clássicos da sociologia, como Talcott Parsons, além de ter sido membro do conselho científico da “Revista Argentina de Sociologia”, criada em 1950. Para maiores detalhes, ver [www.iigg.fsoc.uba.ar/germani.htm](http://www.iigg.fsoc.uba.ar/germani.htm)

<sup>11</sup> Saliente-se, contudo, que o tema, ainda que pouco significativo, encontra-se analisado em alguns capítulos das coleções *História Geral da Civilização Brasileira* e *História da Vida Privada no Brasil*. A análise dessa produção é objeto de outro trabalho a ser publicado em breve.

menor. Na Argentina, a revista *Estudios Migratorios Latinoamericanas* foi criada em 1985 enquanto que no Brasil, uma das mais importantes revistas – Travessia – foi criada em 1988<sup>12</sup>. Contudo, apenas muito recentemente, duas pesquisas procuraram aproximar e espelhar os autores (Miceli, 2007; Brasil Jr, 2013; Blanco & Jackson, 2008; 2014; 2014<sup>a</sup>) e apenas Brasil Jr. (2010: 177) “[...] tratou do imigrante como um dos principais (senão o principal) portador das mudanças sociais em curso [...]”, embora ainda assim tendo como eixo da análise a questão da ‘sociologia da modernização’, ou mais precisamente:

[...] o de um exercício comparativo entre as pesquisas empíricas dirigidas por Fernandes e Germani nos anos 1950-60, sob a hipótese de que estas foram fundamentais para as inovações teóricas que eles apresentaram posteriormente em livros como *A revolução burguesa no Brasil* (1975) e *La sociología de la modernización* (1969). (Brasil Jr., 2010: 176).

A análise de Brasil Jr. (2010) limitou-se às obras citadas, o que era compatível com seu debate sobre a modernização. Como um todo, porém, o tema das migrações (internas e externas) foi “medular” na obra de Germani, como afirma Lattes (2010:402)<sup>13</sup>, embora não seja possível dizer o mesmo sobre Florestan. Retornemos agora aos autores em tela.

## **GINO GERMANI**

A sociologia da imigração de Germani é caudatária de uma larga discussão sobre mobilidade social e modernidade na Argentina desde fins dos anos 1950, quando da organização do projeto de pesquisa, juntamente com o historiador argentino José Luís Romero (1909-1977) “El impacto de la inmigración masiva sobre la sociedad y la cultura argentinas” (1960) (Blanco, 2013), passando pela publicação *Estructura Social de la Argentina*, quando o autor dedica todo um capítulo sobre a população estrangeira na Argentina, até 1969 com a análise sobre a assimilação dos migrantes no meio urbano. A centralidade do tema é tamanha que, segundo o autor, a sociedade argentina não poderia ser compreendida “sin una análisis de la inmigración masiva”. (Germani, 1962, *apud* Lattes, 2010: 404). A importância conferida ao fenômeno

<sup>12</sup> Estudios Migratorios. Ver o sítio <http://www.cemla.com> . Travessia – Revista do Migrante. Ver o sítio <http://www.missaospaz.org/#!/travessia/cfz9>

<sup>13</sup> Em certa medida, a biografia de Germani em muito se aproxima daquela de Fernandes. Inicialmente, cabe lembrar que enquanto o primeiro é italiano de origem, o segundo é filho de uma imigrante portuguesa.

é ainda maior porque entrelaça-se ao debate sobre a questão imigratória existente em seu país, no qual duas visões opõem-se. Na primeira, defendida por Romero, a sociedade argentina é “híbrida” ou “aluvial”, termo que Germani tomaria a si para apresentar a imigração integrada - fusão dos grupos imigrantes aos tradicionais argentinos - como marco fundamental da sociedade argentina moderna. A assimilação<sup>14</sup> (ou “argentinização”) dos imigrantes é o ponto central aqui. Já na segunda visão, temos o modelo do “salad bowl”, onde os ingredientes estão juntos, mas não se misturam. Aqui, a grande oferta de trabalho, a não obrigação de naturalização e a importância numérica e organizativa dos grupos de imigrantes, em especial os italianos concorreram para frear a miscigenação.<sup>15</sup> Em síntese, deve-se a Germani a imagem de uma Argentina como uma “sociedade aluvial”, indicando assim o processo histórico de assimilação dos imigrantes.

No capítulo “La Inmigración masiva y su papel en la modernización del país” (*Política y sociedad en una época de transición*), Germani diferencia os termos de “fusão” e de “assimilação”, optando pelo segundo. Para o autor, foi após a Primeira Guerra que a sociedade argentina se moderniza. Os imigrantes foram os principais agentes dessa modernização. Isso porque o país, tradicional e historicamente aberto à imigração, era caso único no mundo onde a população economicamente ativa era majoritariamente estrangeira (Germani, 1966: 165)<sup>16</sup>.

Em *La inmigración masiva...*, Germani (1962: 179)<sup>17</sup> afirmava que a imigração havia “transformado a sociedade argentina”. A imigração havia sido um “projeto consciente das elites para substituir sua velha estrutura” a fim de modernizar sua economia. (idem, p. 180). Germani apresenta dados demográficos estratificados por grupos de imigrantes (italianos e espanhóis perfazendo mais de 80% do total), por idade e ocupação. Em resumo, o saldo

---

<sup>14</sup> Assimilação é o termo central em toda a discussão sobre imigração, nos dois lados do Atlântico e nas diversas disciplinas das ciências sociais durante todo século XX, como demonstrou Green (2008).

<sup>15</sup> Sinteticamente, o debate opõe o “crisol de raças” das sociedades francamente republicanas, como a sociedade francesa (Noiriel, 2006), ao modelo multicultural.

<sup>16</sup> “In no other country did the proportion of adult foreigners reach the level it did in Argentina where for more than sixty years foreigners represented around seventy per cent of the adult population in the capital city.”

<sup>17</sup> Segundo Brasil Jr. (2010:185), a origem desse texto é “a publicação interna nº 14 do Instituto de Sociologia da UBA, *La asimilación de los inmigrantes en la Argentina y el fenómeno del regreso em la inmigración reciente* (1959)”.

populacional havia sido único, mormente nas principais províncias e Grande Buenos Aires. A partir de então, o autor lançava suas questões: qual o impacto econômico, como ocorreu o processo de assimilação? Nas grandes cidades, não teria havido isolamento, mas certa “concentración ecológica”, afirmava em eco aos teóricos de Chicago. Associações voluntárias, escolas, hospitais, imprensa, uso corrente da língua nativa etc., foram formas de organização social próprias, com diferenças, entre os grupos de imigrantes. Estudando os índices de endogamia e a participação da segunda geração nas associações étnicas, entre outros fatores, Germani (Idem, p. 212) afirmava não ter havido inicialmente “una verdadera fusión”. Mas, em conclusão, os dados ofereciam “la confirmación del proceso de asimilación de los inmigrados en el nuevo tipo de cultura y en la nueva estructura social que fue emergiendo desde la época de la inmigración masiva”.(Idem, p. 216).

Da tese acima, diferenciam-se em parte os textos seguintes de Germani (1966; 1967; 1971), em que a preocupação central é entender o resultado social, econômico e político das migrações internas para áreas urbanas. Vejamos. *Investigación sobre los efectos sociales de la urbanización en una área obrera del Gran Buenos Aires* é um estudo amplo e detalhado. Germani (1967: 211) compara “grupos de imigrantes argentinos originários del interior del país, de diferente antigüedad de residêcia em el Gran Buenos Aires, y por lo menos um grupo de nativos de esta zona”. Para isso, descrevendo as origens e as formas de organização familiar, as ocupações e comportamento econômico e as formas de participação social. Germani tenta compreender o grau de desorganização social entre os diferentes grupos. Essa era a preocupação também *Mass immigration*, publicado um ano antes, onde o foco estava nas massas que migravam das zonas rurais para as zonas urbanas. O objetivo, uma vez mais, era compreender o significado da urbanização nos migrantes (Germani, 1966). Embora diferentes, há uma semelhança teórica que une esses dois textos uma vez que os migrantes internos passavam por processos de adaptação semelhante àquele experimentado pelos imigrantes, com variações decorrentes da antigüidade, diremos hoje, das redes que cada grupo logrou construir.

A partir daí, Germani investiga (por falta de dados demográficos, não consegue demonstrar) o impacto das migrações internas (mas também de

indivíduos outrora imigrantes) na consolidação do peronismo, ou simplesmente as bases sociais do peronismo (Germani, 1973). A análise do imigrante alcançava ali um papel específico na sociologia de Germani: compreender os problemas políticos, ligados ao processo de urbanização e de modernização, após a redemocratização da sociedade argentina:

El problema principal es determinar la magnitud relativa del “nuevo proletariado urbano”, su origen social y economico, asi como el grado de aculturacion politica en el ambito urbano. (Germani, 1973: 446/447).

Pode-se objetar aqui uma mudança de perspectiva, mas há que se considerar uma característica fundamental da imigração argentina: seu caráter urbano. As consequências disso para o desenvolvimento das atividades industriais e, por conseguinte, a formação da classe operária, especialmente na Grande Buenos Aires, é assim um dado que confere sentido aos textos de Germani e que, por outro lado, não encontra paralelo nas análises de Florestan. Da mesma forma, trata-se de uma nova chave analítica - buscar a origem do peronismo nas massas imigrantes politicamente aculturadas – cujo fundamento teórico ainda é o conceito de aculturação. Nada disso encontra paralelo em Florestan, nem mesmo na sociologia da imigração brasileira tomada em seu conjunto<sup>18</sup>. Assim, embora a participação imigrante tenha sido importante na formação (e nas lutas da) classe operária paulista, esse fenômeno não atraiu a atenção sociólogo paulista.

Em termos de referenciais teóricos, Germani (1966; 1967), tal como Florestan, utilizou Eisenstadt (1954) – análise dos projetos de migrar e processos de aculturação/aborção – colocando em plano inferior os tradicionais *pull-push factors*. Em *Migration and acculturation*, ele oscila entre a análise dos *pull-push factors* e “[...] nature and conditions of communications, accessibility and contact between rural and urban areas, or, in more general terms, between place of origin and place of destination”. (Germani, 1966: 161). No texto de 1967 sobre os efeitos da urbanização, como mostramos acima, a análise recai sobre os grupos, sua origem, etc. Ali foram investigados os processos de adaptação, as crianças, as atitudes diante do trabalho, entre outros (Germani, 1967). Em termos teóricos, portanto, a grande novidade está na tentativa de

---

<sup>18</sup> Avanço aqui uma das conclusões de minha pesquisa quase concluída sobre o subcampo da sociologia da imigração no Brasil.

compreender o peronismo, sua base social e composição de classe, relacionando os movimentos migratórios internos dos diferentes grupos à adesão política ao peronismo (Germani, 1973).

## **FLORESTAN FERNANDES**

Nos anos 1950, Fernandes iniciou e não concluiu uma pesquisa sobre imigrantes sírio-libaneses, do qual resultou além de dois pequenos textos abaixo comentados, a orientação da pesquisa de Jamil Safady (1960). Nesse momento, fazendo eco aos estudos pioneiros de Willems (1946), Florestan alinhava-se ao rol de autores que pensava a temática imigrante através do conceito de assimilação<sup>19</sup>, que ele aparentemente descobriu resenhando o citado livro de Willems, continuando no estudo sobre aculturação dos sírio-libaneses (Fernandes, 1956). Nessa perspectiva, os grupos imigrantes, de forma individual, eram pensados em relação à sociedade nacional e toda a questão era entender os processos de assimilação ou de aculturação (termos tomados como sinônimos) que eles vivenciavam. Essa perspectiva aproximava as disciplinas de sociologia e antropologia, com leve predominância para a primeira. Inscrevia-se igualmente numa longa lista de pesquisas tais como Saito e Willems (1947), Queiroz (1950), Izumi e Saito (1953), Schaden (1956), Cecchi (1957), Rios (1958), Cardoso (1959), Beiguelman (1962), Saito (1963), Pacheco (1964) e Durham (1966).

É difícil saber as razões que levaram Florestan interessou-se pelos sírio-libaneses, mas algumas evidências indicam que esse grupo foi descoberto quando dos estudos sobre as “trocinhas do Bom Retiro” (Garcia, 2001) e desenvolvido quando Florestan conheceu o imigrante Jamil, que muito lhe teria ajudado na leitura de obras escritas em árabe e como intérprete de entrevistas realizadas com membros da comunidade. Desse esforço, publicou dois artigos, distante temporalmente, dedicados aos sírio-libaneses e à cultura árabe em geral (Fernandes, 1956; 1967)<sup>20</sup>. Os processos de aculturação então analisados não estavam isolados, mas poderiam servir para o entendimento da

---

<sup>19</sup> A perspectiva assimilacionista estava presente também nos estudos sobre populações indígenas (Galvão, 1957; Cardoso, 1960).

<sup>20</sup> Nota-se ainda, como demonstrei alhures, a ausência da temática imigrante nas pesquisas que Fernandes coordenou para o sul do Brasil, comprovada inclusive pela inesperada descoberta feita por Ianni da existência de preconceito contra descendentes de imigrantes poloneses no Paraná (Oliveira, 2014).

“transplantação das instituições sociais” da sociedade de origem para a sociedade de destino. Serviria também para entender a transformação e integração das comunidades rurais na sociedade nacional, descrita como capitalista e de classes. Esse ponto merece reflexão: à diferença de Germani para o qual o imigrante era central, para Florestan (e mesmo para os outros autores acima citados), a temática imigrante confundia-se com a temática das comunidades rurais frente à sociedade nacional, em processo de urbanização e modernização.

No caso específico dos sírios e libaneses, Fernandes (1967: 35) afirma que eles incorporavam-se à economia de mercado, tendo se tornado um fator importante na expansão da economia urbana. “Cooperaram assim na formação do chamado ‘Brasil moderno’, realizando a passagem da ‘sociedade tradicional’ para a ‘sociedade industrial’ nas condições em que isso se tornou possível na ‘Pátria adotiva’”. Embora esse texto trabalhe claramente no registro dos estudos sobre aculturação dos imigrantes, Florestan, na qualidade de convidado, está mais preocupado em encorajar a continuação dos ‘estudos árabes’ do que necessariamente apresentar resultados de trabalho científico.

Naqueles anos 1950/60, em todos os autores acima citados, a perspectiva assimilacionista servia de fundamentação teórica, eis a hipótese, tanto para os estudos de comunidades rurais e das comunidades de imigrantes quanto o estudo das relações raciais e da “integração do negro”. Membros de comunidades rurais, de certa forma, estavam tão distantes do Brasil moderno quanto os descendentes de imigrantes ainda residindo nas antigas colônias instaladas nos estados meridionais. A presença dos imigrantes, em especial nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, era grande, disseminada e havia efetivamente modificado o perfil étnico e cultura daquelas sociedades. Sua presença era tão grande que havia mesmo sido utilizada como justificativa para a deflagração da “campanha de nacionalização” (Seyferth, 1997).

Voltando a Florestan, não era a primeira vez que análises sobre imigrantes haviam estado próximos da problemática racial, como bem mostra a pesquisa sobre relações raciais, patrocinada em parte pela UNESCO. Maio (1999) afirma que os resultados da pesquisa não corroboraram a visão inicial da UNESCO sobre o Brasil. A principal questão apontada era a mudança, em

relação problemática racial, de um “*ethos* nacional” para um “problema nacional”. Após a pesquisa da UNESCO, Florestan, sem a presença de Roger Bastide<sup>21</sup>, organizou uma equipe de jovens sociólogos para uma nova pesquisa sobre relações raciais dentro de um programa sobre o processo de modernização em curso no sul do Brasil<sup>22</sup>. Na perspectiva de Florestan, a sociedade brasileira, àquela época, caminhava em direção à modernização e à industrialização de suas estruturas produtivas, especialmente nas regiões sul e sudeste.

Os principais projetos foram conduzidos por Fernando Henrique e Otávio Ianni. Enquanto o primeiro trabalho nas cidades de Porto Alegre e Pelotas, o segundo ocupou-se das cidades de Curitiba. A cidade de Florianópolis foi trabalhada conjuntamente por ambos. Nas palavras de Cardoso, “O programa foi inicialmente proposto por Florestan Fernandes para ampliar o conhecimento sobre o preconceito racial no Brasil alcançado em trabalhos anteriores de sua autoria e de Roger Bastide” (Cardoso, 2003: 25). Ianni chegou a Curitiba em 1955 para analisar as relações raciais locais. Ele apresentou os primeiros resultados de sua pesquisa, tendo Cardoso e Moreira como coautores, na *Segunda Reunião Brasileira de Antropologia*, que teve lugar na cidade de Salvador em 1957. O título do trabalho era “Estudo sociológico das relações entre negros e brancos no Brasil”. Trabalhando tanto com testemunhos orais quanto a partir de comportamentos cotidianos, eles analisaram o impacto do preconceito sobre o processo de integração dos afrodescendentes. Para isso, eles partiram da hipótese da discriminação racial previamente testada na cidade de São Paulo.

Florestan e sua equipe iniciaram suas pesquisas previamente convencidos da existência de preconceito racial na região sul. Não surpreende assim que a descoberta de Ianni sobre o preconceito contra descendentes de poloneses brancos tenha causado tanto espanto, e que a explicação

---

<sup>21</sup> Bastide aparentemente recusou fazer parte dessa nova pesquisa porque ele não estava interessado em estudar o processo de modernização no Brasil. Além disso, ele deixou o Brasil em 1954, tendo retornado ao país apenas duas vezes, em 1962 e 1973 (Peixoto, 2000).

<sup>22</sup> A preferência pela região sul tinha motivos claros. Ela tinha sido deixada de lado na pesquisa da UNESCO, por três razões, a saber: 1) Não havia se desenvolvido aí a grande exportação de produtos tropicais; 2) A escravidão tinha sido menos intensa e menos central para o desenvolvimento econômico; 3) A colonização imigrante havia criado padrões de relações sociais e de relações raciais diferentes daqueles que tinham prevalecido em outras regiões do país.



encontrada a tivesse desnaturado ao relacioná-la à discriminação racial tradicional (Ianni,1960;1961). Em termos gerais, tratava-se de discriminação similar àquela existente em São Paulo.

Dos anos 1940 aos anos 1960 (inclusive), havia pouca diferença disciplinar entre sociologia e antropologia. Não surpreende, portanto, o paralelismo teórico entre os conceitos de “aculturação” e de “integração”, embora a história fosse provar a consagração do segundo em detrimento do primeiro. Mas a pesquisa no sul do Brasil consolidaria a virada temática dos estudos locais/regionais/folclóricos para os estudos nacional-desenvolvimentistas/classistas.

Florestan foi ator e, talvez, o maior beneficiário nesse processo, conseguindo firmar-se como a grande liderança no campo da sociologia brasileira. A mudança no aparato conceitual do livro “Branços e negros em São Paulo” (1955<sup>23</sup>) para “A integração do negro na sociedade de classes” (1965) é reveladora do novo sentido que Florestan passou a conferir à sua produção. Houve ali uma clara ruptura teórica em relação aos estudos de comunidade e indígenas, e o lento afastamento da temática imigrante *stricto sensu*. No primeiro livro, escrito a quatro mãos, primam análises sobre as formas de preconceito. A questão imigrante surgia aí como suporte de relações raciais desiguais. No segundo, a questão é a absorção/integração do negro, transformada agora em “problema do negro na sociedade de classes”<sup>24</sup>. Nesse último, Florestan começa por mostrar a mudança no perfil racial da população do estado e da cidade de São Paulo. Em 1890, o número de italianos (estrangeiros) era maior mesmo que o número de brasileiros brancos. Da mesma forma, havia aí uma distribuição “ecológica”: “onde havia maior concentração de ‘estrangeiros’, era mínima a presença de negros e mulatos; e, ao inverso, onde havia maior concentração de negros e mulatos era mínima a presença de ‘estrangeiros’ ” (Fernandes, 1965: 9). Por outro lado, a abolição em nada havia modificado a ordem racial, além de ter trazido uma situação aparentemente inesperada: a comparação. Uma vez libertos, os negros e

---

<sup>23</sup> Os capítulos desse livro foram publicados originalmente nos números 30 a 34, entre os meses de maio a setembro de 1953, na Revista Anhembi.

<sup>24</sup> O livro é rico, longo e repleto de descrições de situações concretas de discriminação relatadas pelos entrevistados. Para os propósitos dessa análise, não cabe uma análise desse material.

mulatos eram constantemente comparados. Tratava-se de população bastante pequena em termos demográficos e não socializada (nos espaços públicos e também nos espaços privados) para o trabalho livre na nascente ordem capitalista. Assim, no mercado de trabalho, havia uma concorrência desigual em relação tanto ao colono quanto ao imigrante, definidos simplesmente como “homem branco”<sup>25</sup>. Numa palavra, a questão imigrante, lateralmente presente no estudo das relações raciais, torna-se assim variável de controle que explica (mas que também poderia servir de exemplo para combater) o “desajustamento estrutural” no processo de integração do negro. Em síntese, o objetivo ali foi analisar a integração do negro à sociedade de classes e não apenas o tema das relações raciais. Mas, em consonância, talvez mesmo não consciente com o aparato teórico do período anterior, Florestan na nota explicativa desse livro, se dizia preocupado com a “absorção do negro e do mulato”. Eis porque, ao final da longa análise, fala em “dilema racial brasileiro”.

O texto “Imigração e relações raciais”, de 1966<sup>26</sup> consolida a visão que Florestan guardou de todas aquelas descobertas: o fenômeno da imigração não alterou o sistema de relações raciais preexistentes, ao contrário, dele se beneficiou:

A imigração se adaptou às inconsistências do sistema brasileiro de relações raciais. Por conseguinte, não concorreu sequer para eliminar ou modificar os elementos arcaicos ou arcaizantes que impedem a inclusão dessas relações nos processos socioeconômicos e culturais que estão produzindo a modernização da comunidade. (Fernandes, 1966:76).

Naquele momento, o tema da imigração, para Florestan, interessa quando analiticamente associado ao tema da escravidão no Brasil, e ao estado de São Paulo em particular, como Martins (1973) desenvolveria mais tarde. Toda a problemática envolvendo a assimilação, a aculturação ou a absorção dos imigrantes, que havia atraído esforços de pesquisa na sociologia e na antropologia desde os anos 1950, como mostramos acima, parecia, naqueles meados dos anos 1960, ultrapassada ou secundária face aos desafios políticos e nacionais do pós-64.

---

<sup>25</sup> Essa expressão encontra-se à página 28, vol.I, da edição de 1965.

<sup>26</sup> Apresentado originalmente no ano de 1965 durante *The Conference on Race and Class in Latin America*, realizada na cidade de Nova York, como afirmado em nota de rodapé da publicação de 1966.

## PALAVRAS FINAIS

Se há um ponto que aproxima os estudos sobre imigrantes em Florestan e Germani é o arcabouço teórico em torno do conceito de assimilação de que se valeram inicialmente. Como de resto em toda a sociologia da imigração feita no continente americano, tratava-se de analisar o impacto e a assimilação dos imigrantes na sociedade de destino compreendida em seu largo processo de modernização. Mas desse ponto em diante, muitas são as diferenças.

Os trabalhos de Florestan sobre o tema da imigração inscrevem-se em um panorama mais largo que reunia os estudos sobre o folclore, comunidades rurais e grupos indígenas. Para cada um desses últimos grupos, tratava-se de estudar processos de assimilação (absorção e aculturação eram termos praticamente sinônimos) e de mudança social. Não seria exagero dizer que todos esses grupos eram, no melhor do caso, pouco modernos, embora camponeses e imigrantes estivessem ligados à economia de mercado. Mas analisando a partir das transformações industriais e urbanas que conhecia o Brasil de então, para Florestan, as peculiaridades culturais e étnicas que caracterizavam aquelas comunidades perderiam seu potencial explicativo com o avanço das relações sociais capitalistas<sup>27</sup>. Por que então dedicar tempo e recursos para estudar situações particulares que em breve seriam apenas reminiscências? Que importância política específica esses grupos poderiam ter na disputa que então se travava no seio das ciências sociais paulistas? Enfim, seria possível dizer que Florestan e seu grupo, para ocupar posições dominantes no campo, teriam se afastado conscientemente de temas e posturas identificadas com a Antropologia<sup>28</sup> e com os antropólogos?<sup>29</sup>

Bem diferente dessa situação estavam os imigrantes na Argentina. Sua centralidade e papel político-econômico é inegável, sobretudo na Grande Buenos Aires. De certa forma, compreender os imigrantes e seus

---

<sup>27</sup> A menor posteridade, quando comparada àquela de Florestan, da obra de Maria Isaura Pereira de Queiroz é outro dado que comprova a secundária importância dos temas “rústicos”.

<sup>28</sup> Segundo os mesmos autores, junto com a Antropologia, desvalorizou-se também nesse período a área da sociologia da cultura na USP até “meados dos anos 1980.” (Blanco e Jackson, 2014: 142-143).

<sup>29</sup> Pergunta de difícil resposta, mas é interessante pensar que, nas décadas subsequentes, o tema da imigração no Brasil acabaria por se firmar bem mais na Antropologia do que na Sociologia, como atestam os congressos específicos de cada disciplina.

descendentes era compreender a própria modernização econômica do país e, entendeu Germani, as bases sociais do populismo político. Isso separa fundamentalmente o tema nos dois autores.

Outro ponto de destaque foi o interesse e desejo de Florestan em corrigir o legado freyriano sobre a questão racial. A sociedade brasileira não era harmoniosa. Isso era claro para todo o Brasil de São Paulo para cima. Faltava apenas demonstrar o mesmo nos estados da região sul, trabalho que foi entregue a Fernando Henrique e Otávio Ianni, sobretudo. Ali, uma vez mais, a questão imigrante foi suporte. Com efeito, a colonização imigrante havia criado padrões de relações sociais diferentes daqueles que tinham prevalecido em outras regiões do país. Mas aparentemente, sem modificar fundamentalmente as relações raciais<sup>30</sup>. O papel do imigrante foi restrito à variável de controle da questão racial ou do aprofundamento do “desajustamento estrutural” do negro, ainda que inicialmente restrita à sociedade paulista. Uma vez mais, nada disso pode ser comparado às análises de Germani, motivo pelo qual falamos inicialmente em assimetria do tema nas duas obras.

A comparação entre a integração ou ascensão social dos negros em Florestan e a mobilidade social dos migrantes em Germani, feita por Brasil Jr. (2010: 190), soa um pouco forçada. Por duas razões. Primeiro, porque omite a centralidade da questão racial no Brasil, e sua relativa ausência no caso argentino. Segundo, porque a população negra paulista em particular, e mesmo brasileira em geral, simplesmente não fazia parte dos “amplos setores da população”, ao contrário da importância demográfica que a imigração teve na Argentina. O livro *A Revolução Burguesa no Brasil*<sup>31</sup> espelha claramente isso. Nele, o foco é a dominação burguesa e a forma local de transformação capitalista, dita dependente e, assim, não contraditória. Não há análise aí do papel econômico ou político da classe operária nem mesmo de sua fração imigrante nesse processo, ao contrário do que encontramos em Germani.

Segundo Blanco e Jackson (2014: 158), Germani foi “autodidata”. Conheceu trajetória “descontínua e desamparada”, embora tivesse logrado a se firmar como o “principal artífice da institucionalização universitária da

---

<sup>30</sup> Com efeito, a questão imigrante foi a grande ausente nas análises de Fernando Henrique sobre o capitalismo meridional do Rio Grande.

<sup>31</sup> Esse livro, segundo as palavras do autor, deve ser compreendido como um misto de ensaio e crítica política ao golpe de 1964.

sociologia na Argentina”. Papel similar desempenhou Florestan. Mas se os programas de pesquisa de ambos giraram em torno da ‘sociologia da modernização’, não havia comparação possível sobre o papel dos imigrantes nesse mesmo processo. Mas uma coisa parece certa: incorporados à sociologia da modernização, a imigração, enquanto objeto, muito perdeu de seu status, ao contrário do que ocorreu nos EUA. Não deixa de ser notável, assim que tanto na Argentina quanto no Brasil os estudos sobre a imigração tenham logrado muito mais espaço nas disciplinas da História e da Antropologia. Mas isso é tema para outra análise.

#### REFERÊNCIAS

- ALVIM, Zélia M. F. (2010). O Brasil italiano (1880-1920). In FAUSTO, Boris. (org.). op. cit. *Fazer a América*. São Paulo, 2ª ed., p. 383-417.
- ARRUDA, Maria A. do N. (2009). Florestan Fernandes, vocação científica e compromisso de vida. In: BOTELHO, André & SCHWARCZ, Lilia M. (orgs.) *Um enigma chamado Brasil. 29 intérpretes e um país*. Cia das Letras, pp.310-323.
- ARRUDA, Maria A.do N. & GARCIA, Sylvia G. (2003). *Florestan Fernandes: mestre da sociologia moderna*. Paralelo 15: Brasília.
- AZEVEDO, Sálvio de A.(1941). Imigração e colonização no estado de São Paulo. *Revista do Arquivo Municipal*, ano IV, vol. LXXV, pp. 105-157.
- BASTO, Fernando L. B (1959). *Síntese da História da Imigração no Brasil*
- BASTOS, Elide R. (org.) (1998). *Florestan Fernandes ou o sentido das coisas*. São Paulo: Boitempo.
- BAUGMARTEN, Maíra SANTOS, José V. T dos (2005). Contribuições da sociologia na América Latina à imaginação sociológica: análise, crítica e compromisso social. *Sociologias*. 7(14): 178-243.
- BEIGUELMAN, Bernardo. (1962). Estudo genético e antropológico de imigrantes japoneses e seus descendentes não miscigenados. *Revista de Antropologia*, vol. 10, nº 1;2, pp. 109-142.
- BETHEL, Leslie (org.) (2009). *História da América Latina. De 1870 a 1930*. São Paulo: EdUSP, vol. IV.
- BLANCO, Alejandro. (2007). Ciências sociais no Cone Sul e a gênese de uma elite intelectual (1940-1965). *Tempo Social*. Vol. 19(1), pp. 89-114.
- \_\_\_\_\_. (2003). Política, modernización y desarrollo: una revisión de la recepción de Talcott Parsons em la obra de Gino Germani. *Estudios Sociológicos de El Colegio de México*, vol. XXI, nº 63, pp. 667-699.
- \_\_\_\_\_.(2006). *Razón y modernidad. Gino Germani y la sociología en la Argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- BLANCO, Alejandro & JACKSON, Luiz C. (2013). Sociólogos versus ensayistas en Brasil y Argentina. *Estudios Sociológicos de El Colegio de México*, XXXI/92, pp. 397-436.
- \_\_\_\_\_. (2011). Crítica literária e sociologia no Brasil e na Argentina. *Tempo Social*, 23/2, pp. 13-40.
- \_\_\_\_\_. (2013). José Luís Romero Y Gino Germani: la inmigración massiva y el proyecto de una comprensión histórico-sociológica de la Argentina Moderna. In

- BURUCUA, José E. , DEVOTO, Fernando & GORELIK, Adrián (orgs.). *José Luís, vida historia, ciudad y cultura*. Buenos Aires: UNSaM, pp. 273-291.
- BLANCO, Alejandro & JACKSON, Luís Carlos. (2014). Florestan no espelho de Germani. *Sociologia e Antropologia*. Vol 4(1), pp. 127-161.
- \_\_\_\_\_. (2014a). *Sociologia no espelho: ensaístas, cientistas sociais e críticos literários no Brasil e na Argentina(1930-1970)*. São Paulo: Editora 34.
- BONELLI, Maria da G. & LANDA, Martha D. V. de (orgs.). (2013). *Sociologia e mudança social no Brasil e na Argentina*. São Carlos: Compacta Gráfica e Editor
- BRASIL Jr., Antônio. (2010). O imigrante e seus irmãos: as pesquisas empíricas de Florestan Fernandes e Gino Germani. *Lua Nova*, 81: 175-213.
- \_\_\_\_\_. (2013). *Passagens para a teoria sociológica: Florestan Fernandes e Gino Germani*. São Paulo: Hucitec/Flacso.
- CAPISTRANO, Daniel J. & CASTRO, Henrique de O. (2010). O Papel do Estado e Cultura Política na Argentina e no Brasil. *Opinião Pública*. Vol. 16, nº 2, pp.338-365
- CARDOSO, Fernando H. (2003). *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional. O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 5ª ed.
- CARDOSO, Míriam L. (2013). Florestan Fernandes e seus contemporâneos: Gino Germani e C. Wright Mills. Trabalho apresentado no XXIX Congresso Latinoamericano de Sociología Asociación Latinoamericana de Sociología. Disponível em [http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT17/GT17\\_LimoeiroCardoso.pdf](http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT17/GT17_LimoeiroCardoso.pdf) Consultado em 17 de fevereiro de 2015.
- CARDOSO, Ruth C. L. (1959). O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses. *Revista de Antropologia*, vol. 7, nº1/2, pp. 101-121.
- CARNEIRO, José F. (1950). *Imigração e colonização no Brasil*. Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia.
- CECCHI, Camilo (1957). Estudo comparativo da assimilação e marginalidade do imigrante italiano. *Sociologia*, vol. XIX, nº 2, pp. 105-117.
- COMPAGNON, Olivier (2013). *L'Adieu à l'Europe*. Paris: Fayard.
- CONSORTE, Josildeth G. (1996), Os estudos de comunidade no Brasil: uma viagem no tempo. In: FALEIROS, Maria I. L. & CRESPO, Regina A. Crespo (orgs.). *Humanismo e Compromisso: ensaios sobre Octávio Ianni*. São Paulo: Editora da UNESP, pp. 51-68.
- CORTES, Geraldo de M. (1954). Migração e colonização no Brasil. *Revista do Serviço Público*, separata. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Presidência da República – DASP.
- De SIERRA, Geronimo & TRINDADE, Hélgio. (2007). *As ciências sociais latino-americanas em perspectiva comparada: 1930-2005*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS.
- DEVOTO, Fernando (2003). *Historia de la Inmigracion en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana.
- DEVOTO, Fernando e FAUSTO, Boris.(2008). *Argentina-Brasil, 1850-2000. Un ensayo de historia comparada*. Buenos Aires: Sudamericana.
- DIEGUES Jr., Manuel. (1964). *Imigração, urbanização e industrialização*. Rio de Janeiro: INEP.
- DRUMOND, Fernando (2009). Vargas, Péron e o esporte: propaganda política e imagem da nação. *Estudos históricos*, vol. 22, nº44, pp. 398-421.

- DURHAM, Eunice R. (1966). *Assimilação e mobilidade. A história do imigrante italiano num município paulista*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 3.
- EISENSTADT, Shmuel N. (1954). *The absorption of immigrants. A Comparative Study Based Mainly on the Jewish Community in Palestine and the State of Israel*. Londres: Routledge and Kegan Paul.
- FAUSTO, Boris. (2010). (org.). *Fazer a América*. São Paulo: EdUSP.
- FERNANDES, Florestan. (1956). A aculturação do Sírio e Libanês em São Paulo. *Folha da Manhã*, nº 9842, 10 de junho, pp. 1-2.
- \_\_\_\_\_. (1956). A aculturação dos sírios e libaneses em São Paulo. *Revista Etapas*, ano I, nº 11.
- \_\_\_\_\_. (1966). Imigração e relações raciais. *Revista de Civilização Brasileira*. Ano 1, nº 8, pp. 75-95.
- \_\_\_\_\_. (1949). Resenha de *A aculturação dos alemães no Brasil*, de Emilio Willems. *Revista do Arquivo Municipal*, ano XV, vol. CXXII (02), pp. 205-218.
- \_\_\_\_\_. (1967). O Brasil e o mundo árabe. *Revista Etapas*, ano XII, nº 131, pp. 33-37.
- \_\_\_\_\_. (1975). *A Revolução Burguesa no Brasil. Ensaio de Interpretação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- GALVÃO, Eduardo (1957). Estudo sobre a aculturação dos grupos indígenas do Brasil. *Revista de Antropologia*, vol. 5, nº 1, pp. 67-74.
- GARCIA, Sylvia G. (2002). *Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes*. Editora 34: São Paulo.
- \_\_\_\_\_. (2001). Folclore e sociologia em Florestan Fernandes. *Tempo Social*, 13(2), pp.143-167.
- GARRETÓN, Manuel Antonio. (2005). Social sciences in Latin America: a comparative perspective: Argentina, Brazil, Chile, México and Uruguay. *Social Science Information*. 44 (2-3). 557-593.
- GERMANI, Gino. (1964). Asimilación de imigrantes en el medio urbano. Aspectos teóricos y metodológicos. In MERA, Carolina & RÉRON, Julian (coords.), op. cit., pp. 466-489.
- \_\_\_\_\_. (1973) El surgimiento del peronismo. El rol de los migrantes internos. *Desarrollo económico*, vol.13, nº 51, vol 13, pp.435-488.
- \_\_\_\_\_. 2006. *Gino Germani: la renovación intelectual de la sociología* (Alejandro Blanco, comp.). Bernal: Universidad Nacional de Quilmes.
- \_\_\_\_\_. (1967). Investigación sobre los efectos sociales de la urbanización en una área obrera del Gran Buenos Aires. In HAUSER, Philip. (comp.). *La urbanización en América Latina*. Buenos Aires: Solar/Hachette, pp. 208-235.
- \_\_\_\_\_. (1962). La inmigración masiva y su papel em la modernización del país. In MERA, Carolina & RÉRON, Julian (coords.), op. cit., pp. 490-543.
- \_\_\_\_\_. (1965). Los italianos en la sociedad argentina. *Análisis*, 236. 2380-2384.
- \_\_\_\_\_. (1966). Mass immigration and modernization in Argentina. *Studies in Comparative International Development*. Vol. II, nº 11, pp. 165-182.
- \_\_\_\_\_. (1965) Migration and acculturation. In HAUSER, Philip M. *Handbook for Social Research in Urban Areas*. Paris: UNESCO, pp. 159-178.
- GREEN, Nancy. (2008). Tempo e estudo da assimilação. *Revista Antropológicas*, nº 25, pp. 23-47.
- HANDA, Thomas. (1987). *O imigrante japonês. História de sua vida no Brasil*. São Paulo: T. A Queiroz/Centro de Estudos Nipo-brasileiros.

- JACKSON, Luiz C. (2007). Tensões e disputas na sociologia paulista (1940-1970). *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 22, nº 65, pp. 33-49.
- KERBER, Alessandro (2009). Representações regionais em Carlos Gardel e Carmen Miranda. *Estudos históricos*, vol. 22, nº44, pp. 377-397.
- IANNI, Octavio. (1961). A situação social do polonês em Curitiba. *Sociologia*, Vol. XXXIII, nº 4, pp. 375-388.
- \_\_\_\_\_. (1960). Do polonês ao polaco. *Revista do Museu Paulista*. Nova Série, Vol. XII, pp. 315-338.
- INCAO, Maria A. (1987). *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- IZAGUIRRE, Inés. (2005). Acerca de um maestro. Gino Germani, fundador de la sociología en Argentina. *Sociologías*, ano 7, nº14, pp. 492-503.
- IZUMI, Seichi & SAITO, Hiroshi (1953). Pesquisa sobre a aculturação dos japoneses no Brasil. *Sociologia*, vol. XV, nº 3, pp. 195-209.
- LATTES, Alfredo E. (2010). La contribución de Germani al conocimiento de las migraciones. In MERA, Carolina & REBRON, Julián. *Gino Germani. La sociedad en cuestión*. Buenos Aires: CLACSO, pp. 402-409.
- LOWRIE, Samuel H. (1938). *Imigração e crescimento da população no Estado de São Paulo*. São Paulo: Editora da ELSP, Coleção Estudos Paulistas, nº2.
- MAIO, Marcos C. (1999). O projeto da Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 14, nº 41, pp. 141-158.
- MAUREL, Chloé. (2007). La question des races . *Gradhiva* , 5 | 2007 , [En ligne], Disponível em <http://gradhiva.revues.org/815>. Acessado no dia 11 de abril de 2014.
- MERA, Carolina & REBRON, Julián. (2010). *Gino Germani. La sociedad en cuestión*. Buenos Aires: CLACSO.
- MICELI, Sérgio. (2007). Les inventeurs latino-américains de la sociologie 'scientifique' (Florestan Fernandes et Gino Germani). In: LASK, T. *Rapports ambivalents entre sciences sociales européennes et américaines*. Milão: Arcipelago Edizioni.
- MICELI, Sérgio & PONTES, Heloísa. (orgs.) (2014). *Cultura e sociedade: Brasil e Argentina*. São Paulo: Ed da USP.
- MURMIS, Miguel (2006). Sociologia, ciência política e antropologia: institucionalização, profissionalização e internacionalização na Argentina. IN: Trindade, Hélgio (org), op. cit., pp.
- NEIBURG, Federico. (2004). Economistas e culturas econômicas no Brasil e na Argentina: notas para uma comparação a propósito das heterodoxias. *Tempo Social*, vol. 16, nº 2, pp. 177-202.
- \_\_\_\_\_. (1997). *Os intelectuais e a invenção do peronismo*. São Paulo: EdUSP.
- NOGUEIRA, Oracy. (1955). Os estudos de comunidade no Brasil. *Revista de Antropologia*, vol. 12, nº 12.
- NOIRIEL, Gérard. (2006). *Le creuset français. Histoire de l'immigration XIXe-XXe siècles*. Paris : Ed du Seuil. Coll. Histoire.
- OLIVEIRA, Lúcia L. (2005). Diálogos intermitentes: relações entre Brasil e América Latina. *Sociologías*. Ano 7, n.14, p 110-129.
- OLIVEIRA, Márcio de. (2014). A Chapter in the History of Brazilian Sociology: UNESCO Research about Race Relations and the Unexpected Prejudice Against Poles in Curitiba. In: FLECK, Christian & HESS, Andreas (ed.).



- Knowledge for Whom? Public Sociology in the Making*. Surrey: Ashgate, pp. 185-201.
- OLIVEIRA, Roberto C. de (1960). O Processo de Assimilação dos Terêna” Rio de Janeiro: Edição Museu Nacional, Série Livros I.
- ONEGA, Gladys (1982). *La inmigración en la literatura argentina (1880-1910)*. Buenos Aires: CEAL.
- PACHECO, Renato J. C. (1964). Assimilação de alemães no Espírito Santo-Brasil. *Sociologia*, vol. XXVI, nº 2, pp. 183-201.
- PEIXOTO, Fernanda A. & SIMÕES, José A. (2003). A *Revista de Antropologia* e as ciências sociais em São Paulo: notas sobre uma cena e alguns debates. *Revista de Antropologia*, vol. 46, nº2, p. 383-409.
- PERISSINOTTO, Renato M. (2014). O conceito de estado desenvolvimentista e sua utilidade para os casos brasileiro e argentino. *Revista de Sociologia e Política*, vol. 22, pp. 59-75.
- QUEIROZ, Maria I. P. (1950). Assimilação de três famílias em São Paulo. *Sociologia*, vol. XII, nº 1, pp. 22-32.
- REYNA, José Luiz. (2005). An overview of the institutionalization process of social sciences in Mexico. *Social Science Information*. 44 (2-3): 411-472.
- RIOS, José A. (1958). Aspectos políticos da assimilação do italiano no Brasil. *Sociologia*, vol. 20, pp. 295-339.
- ROSA, Marcelo. (2014). Theories of the South: limits and perspectives of an emergent movement in social sciences”. *Current Sociology* 62(6): 852-867.
- SAITO, Hiroshi. (1963). A aculturação dos japoneses no Brasil e no Peru. *Revista do Museu Paulista*, N.S., vol. XIV, pp. 269-281.
- \_\_\_\_\_. (1961). *O Japonês no Brasil. História de sua mobilidade e fixação*. São Paulo: Fundação ESP de São Paulo, Editora “Sociologia e Política”.
- SAITO, Hiroshi & WILLEMS, Emílio. (1947). Shindô-Renmei: Um problema de aculturação. *Sociologia*, vol. IX, nº 1, pp. 133-152
- SACHADEN, Egon. (1956). Aculturação de alemães e japoneses no Brasil. *Revista de Antropologia*, vol. 4, nº 1, pp. 41-46.
- SCHRECKER, Cherry (2006). *La communauté. Histoire critique d'un concept dans la sociologie anglo-saxonne*. Paris: L'Harmattan.
- SCHRECKER, Cherry. (Ed.) (2010). *Transatlantic Voyage and Sociology: the migration and development of ideas*. Londres: Ashgate.
- SEYFERTH, Giralda (1997). A assimilação dos imigrantes como questão nacional. Rio de Janeiro: *Mana*, (3/1), p. 95-131.
- SOARES, Eliane V. (1997). *Florestan Fernandes: o militante solitário*. Rio de Janeiro: Cortez. 16.
- TRINDADE, Héliogio (org.) (2006). *As ciências sociais na América Latina em perspectiva comparada*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS/ANPOCS.
- VITIELLE, Antonio. (1992). La sociología de Gino Germani. In JR JORRAT J.R. & SAUTÚ, R. (Comps.). *Después de Germani. Exploraciones sobre estructura social en la Argentina*. Buenos Aires: Paidós.